

Mulheres ainda enfrentam desigualdades no país

As mulheres somam mais que a metade da população brasileira (51%), de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Porém, mesmo sendo maioria no Brasil, elas ainda ocupam poucos cargos de direção das empresas do país. Além da dificuldade de ascensão profissional, o gênero ainda enfrenta a desigualdade salarial entre os colegas do sexo oposto. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, as mulheres com idade entre 25 e 49 anos ganhavam em média 79,5% do salário recebido pelos homens do mesmo grupo etário.





MULHERES

NOS BANCOS

A diferença salarial também é vista ao analisar apenas o setor bancário. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), de 2017, o rendimento médio das mulheres é de 22,3% do salário dos homens.

A pesquisa aponta ainda que, no Brasil, a equiparação salarial deve levar 42 anos, ocorrendo apenas em 2059. Já no setor bancário, a equiparação deve levar 66 anos, ocorrendo somente em 2085.

De acordo com os relatórios de sustentabilidade dos maiores bancos do país, além das diferenças salariais, o que se observa nos bancos é uma participação pequena de mulheres nos cargos de direção e nos conselhos de administração. Em torno de 80% a 88% desses altos cargos são ocupados por homens, ou seja, quase não se encontram mulheres nesses grupos ocupacionais.

NA POLÍTICA

Na política, o gênero feminino ainda é subrepresentado. De acordo com dados da Justiça Eleitoral, de junho de 2019, de cada 100 parlamentares estaduais brasileiros, somente 15 são deputadas. Dos 1.060 eleitos, em 2018, para os legislativos nos estados, apenas 163 são do sexo feminino. A região norte é a que mais se destaca no país pela representatividade feminina: uma a cada cinco vagas são ocupadas por mulheres. A maior presença de mulheres está no Amapá, com 33%. Em Roraima, 29% são deputadas.

Em contrapartida, segundo o levantamento, a região Centro-Oeste é a que possui menor representatividade. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, não há representação feminina. Em Mato Grosso, apenas uma deputada divide espaço com outros 23 homens.

A legislação determina que 30% das candidaturas para o Legislativo sejam de mulheres. Porém, o Congresso Nacional avalia reduzir a cota percentual para 10%.

NA SOCIEDADE

As reformas Trabalhista e da Previdência também impactam a vida das mulheres, que devido a dupla jornada de trabalho, estão em sua maioria no mercado informal de trabalho e dificilmente vão conseguir alcançar o tempo mínimo para a aposentadoria. Além disso, elas ainda sofrem muito com a violência, que aumentou na sociedade após o corte de investimentos em políticas públicas de enfrentamento. Reflexo disso, é o aumento de quase 30% do número de violência em relação ao ano passado, de acordo com a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência – o Disque 180.

NAS REDES SOCIAIS

As mulheres ganham cada vez mais protagonismo na luta em defesa dos seus direitos nas redes sociais. Elas se destacam pelas suas publicações e participação nos protestos contra todas as formas de opressão e nos debates na sociedade, que defendem a igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres.



TEM ALGUMA DÚVIDA?

Saiba mais sobre o Agente da Diversidade na página Campanha da Diversidade, no site da Contraf-CUT.

www.contrafcut.com.br